
O triste fim do autor humano?

Inteligência artificial e o ofício de escrever

Ronaldo Lemos

Advogado, professor e escritor, especialista em tecnologia. É colunista semanal da *Folha* e apresentador do *Expresso Futuro*, série de documentários sobre tecnologia gravada ao redor do mundo no Canal Futura, atualmente em sua 9.^a temporada. É fundador e cientista-chefe do ITS Rio e membro do conselho de diversas organizações.

Quando recebi o convite da querida Rosiska Darcy para escrever este texto, fiquei muito honrado. No entanto, como usualmente ocorre quando precisamos entregar um texto, os prazos ficam sempre apertados. Foi exatamente o que aconteceu comigo. Como a *Revista Brasileira* deste mês estava prestes a fechar, o meu prazo era de pouco mais de uma semana para entregar este texto. E, dois dias antes da data derradeira, eu não havia escrito uma linha sequer deste capítulo (por favor, Rosiska, não fique chateada comigo!).

Mas, como estamos no ano de 2026, decidi apelar para o novo “Santo Expedito” dos nossos tempos, que promete socorrer com presteza todos os aflitos que se encontram em uma situação de débito intelectual e temporal parecida com a minha. Esse nosso santo resolvedor tem um nome: Inteligência Artificial. Ou, para ser mais preciso, os chamados Grandes Modelos de Linguagem (Large Language Models — LLMs no original), tais como o ChatGPT; o Claude, da Anthropic; o Gemini, do Google; ou o Doubao, da ByteDance.

Tive, então, uma ideia que me pareceu ao mesmo tempo salvadora e milagrosa: e se eu pedir para o “poderoso” Chat GPT-5.2 para escrever o meu artigo? Isso certamente me pouparia algumas boas horas desta tarde de sexta-feira, na semana após o carnaval, em que estas linhas estão sendo digitadas. Poderia sair em passeio com meu cachorro, ou quem sabe encontrar algum amigo, economizando talvez até 8 horas da minha vida em frente à tela do computador teclando. Em outras palavras, sonhei com um milagre operado pela Inteligência Artificial. Um Grande Modelo de Linguagem assumindo o meu lugar e me libertando da sempre sofrida tarefa de escrever. Ainda mais quando se trata de cinco laudas, tamanho de texto que hoje, na época da distração, pouca gente se aventura a ler, a não ser que seja obrigado a isso.

De cara, minha espera por um milagre já me fez ter reflexões éticas. Preciso contar para a Rosiska e para os demais amigos da *Revista Brasileira* que o meu texto foi

escrito por inteligência artificial? Ou posso simplesmente mandar o texto criado pelo GPT 5.2, se ele estiver bom o suficiente, sem falar absolutamente nada? Fiquei com um certo peso na consciência e acabei me inclinando para a decisão de que deveria, sim, avisar ao leitor que foi uma inteligência artificial a verdadeira autora do texto. No entanto, no meu íntimo, resolvi que faria isso somente ao final do texto, e não no seu início, para evitar distrações.

Esse aviso seria como uma cereja do bolo para os leitores que se aventurassem a ler o texto até o final. Uma espécie de reviravolta chocante de roteiro, no estilo do filme *O Sexto Sentido*. Só que aqui, neste caso, a revelação não é a de que o personagem principal está morto (desculpem o *spoiler*, mas o filme é antigo), mas sim de que o autor está morto. Não eu, pessoalmente, que estou vivo digitando estas linhas, mas todos os autores e autoras. Estamos convivendo com uma tecnologia que prenuncia que a maior parte dos textos, daqui para a frente, será gerada na sua quase totalidade por máquinas. E ainda mais complicado: vai ser difícil distinguir se um texto foi gerado por uma inteligência artificial ou por uma pessoa. Até o momento em que essa distinção não fará mais nenhum sentido ou não terá nenhuma importância.

Quando isso acontecer, talvez o meu peso de consciência relacionado à questão de avisar ou não ao leitor que usei uma máquina para fazer meu texto se torne algo totalmente do passado, demodê mesmo. Essa preocupação em distinguir o que foi teclado por um humano ou gerado por uma máquina muito provavelmente estará presente apenas em um brevíssimo intervalo de tempo, que caracteriza a aurora das novas inteligências artificiais e sua prevalência completa. Quanto tempo durará esse intervalo em que teremos a preocupação dessa distinção, ninguém sabe. Mas aposto que, quando a *Revista Brasileira* estiver em sua edição de número 150, essa resposta já estará clara entre nós.

Talvez, nesse momento, todos os artigos da *Revista Brasileira*, e não só o meu, sejam escritos por inteligências artificiais. Provavelmente a querida Rosiska nos dará, nesse caso, não nove dias para entregar o artigo (e que quase consegui perder!), mas um prazo de dois dias, talvez um. Seria prazo suficiente para que nossos agentes de inteligência artificial acessassem diretamente o GPT 10, que provavelmente estará em vigor naquela época, instruindo o modelo com os parâmetros necessários para o texto “ser escrito”. E, com base nesses poucos parâmetros, cada um dos textos da *Revista* será gerado automaticamente em segundos, baseado na nossa trajetória de vida, em textos escritos no passado, palestras proferidas, coisas que falamos nas nossas conversas do dia a dia, e assim por diante.

É como se nossa produção intelectual nesse momento já estivesse presente dentro do modelo de inteligência artificial como “potencial”. Bastaria digitarmos alguns parâmetros (ou nosso agente de IA digitar por nós) para o modelo “colapsar” as possibilidades em uma só, usando sua capacidade preditiva e de interpretação de contextos para escrever exatamente o texto que precisaremos escrever daqui a cinco anos. Você seria não só você, mas a coleção ambulante de tudo que você poderia escrever no futuro. Para que essa produção se materialize, bastaria recitar algumas poucas encantações, parecidas com a cabala e no melhor estilo Abulafia, e a tarefa de produção intelectual se materializará com pouquíssimo esforço do nosso próprio cérebro.

É como se nossa produção intelectual nesse momento já estivesse presente dentro do modelo de inteligência artificial como “potencial”. Bastaria digitarmos alguns parâmetros (ou nosso agente de IA digitar por nós) para o modelo “colapsar” as possibilidades em uma só, usando sua capacidade preditiva e de interpretação de contextos para escrever exatamente o texto que precisaremos escrever daqui a cinco anos. Você seria não só você, mas a coleção ambulante de tudo que você poderia escrever no futuro.

também redigida instantaneamente por inteligência artificial. E talvez o próprio pedido da *Revista Brasileira* tenha sido enviado por uma inteligência artificial. Nessa hipótese, estaremos em um mundo em que as inteligências artificiais falam entre si e com elas mesmas (nossos “agentes”), mas em nosso nome. Enquanto isso, passemos com o cachorro e encontramos com os amigos (e talvez recebemos algum tipo de renda básica universal para compensar o nosso trabalho que desapareceu).

Mas e se essa encantação for tão simples que não precise ser direcionada nem sequer ao autor para se realizar? Em outras palavras, a querida Rosiska poderia pedir um artigo do “Ronaldo Lemos” diretamente ao GPT 10, que a essa altura já terá aprendido a ser mais “Ronaldo Lemos” do que eu mesmo. Nesse caso, não teria sido preciso nem enviar uma mensagem para mim para que eu escrevesse o artigo. Talvez a comunicação que se destinasse a mim seria apenas algum tipo de pedido de autorização, da seguinte forma.

Caro Ronaldo, a Revista Brasileira está organizando sua edição de número 150. Você nos autorizaria a pedir ao GPT 10 que escreva um artigo seu com 20 mil caracteres com o título “Fronteiras da escrita com inteligência artificial no ano 2031?”. Aguardamos sua resposta.

Eu provavelmente responderia o seguinte.

*Olá, Rosiska, com certeza. Minha única observação seria mudar o título. Acho que “escrita com inteligência artificial” é um termo que ainda fazia certo sentido em 2026, quando publiquei aquele texto na edição 126. Mas atualmente eu preferiria usar o título “Fronteiras da escrita sintetizada com inteligência artificial”. Fiquem à vontade para inserir esse título diretamente no GPT 10, e não precisa nem me mandar para revisão. O 10 já está totalmente ajustado ao meu estilo de escrever. Abraços e parabéns pelas 150 edições, fico sempre feliz de contribuir para essa revista incrível. E, aproveitando, espero que tenham a oportunidade de ver a 14ª temporada do meu programa *Expresso Futuro*, gravada na Estação Espacial Internacional, que está muito boa! Abraços, Ronaldo.*

Provavelmente o tempo que levarei para redigir essa resposta será maior que o tempo que o suposto GPT 10 gastará para redigir o “meu” artigo. Ou talvez a própria mensagem tenha sido

Mas, enfim, neste momento, me desvio do objetivo, que é entregar o artigo para a Rosiska, para a edição 126 da *Revista*, e não para a edição 150. Preciso de um artigo aqui e agora, e não daqui a cinco anos. O GPT 10 ainda não existe. Mas o GPT 5.2 existe... Então, é com ele mesmo que decido seguir para ver o que acontece.

Vou até a página do GPT 5.2, faço *login* na minha conta. Sou neste momento um assinante do serviço, pagando algo como 20 dólares mensais para poder ter acesso à inteligência artificial mais atual oferecida pela empresa. Abro um novo *chat* com o GPT 5.2 e insiro o seguinte *prompt*.

Preciso escrever um artigo de cinco laudas sobre a inteligência artificial e seu impacto para a Revista Brasileira. No texto, quero abordar como a inteligência artificial e seu modo de escrever estão mudando o português, inclusive introduzindo expressões que não são originárias da língua (tipo “isto não é sobre...”, “é sobre...”).

Gostaria de falar sobre como textos de IA estão invadindo as mídias sociais e os comentários nas postagens. E dizer que a IA pode democratizar o acesso à escrita. Por exemplo, há uma pesquisa do INAF que diz que só 12% dos brasileiros têm comando pleno da língua portuguesa (verifique).

Quero também dizer que a IA pode gerar inclusão na escrita, ainda que mediada. Fale também sobre o desafio que é reforçar a educação no contexto da IA, porque não se trata apenas do acesso à tecnologia, mas do domínio de habilidades educacionais que serão essenciais para usar a ferramenta.

Fale ainda sobre o novo periódico acadêmico lançado por Cesar Hidalgo (ex-MIT Media Lab) que só aceita textos feitos por IA. E analise como o futuro da escrita passará inevitavelmente por IA, com impactos profundos para a comunicação humana. Especialmente porque as pessoas leem o jeito que a IA escreve e passam a imitá-lo depois (veja se já existe alguma pesquisa sobre isso).

Faça essa problematização de quem imita quem. E reforce o ponto de que vai ser cada vez mais importante ler os clássicos. Pegue os argumentos de Italo Calvino no seu livro Por que Ler os Clássicos? como base de comparação, mas vá além dizendo que os clássicos serão uma vacina contra as mutações imprevisíveis na língua por causa dos textos de IA. Serão uma referência e uma defesa que vai se tornar cada vez mais importante.

Adicione também o contraponto de que o conservadorismo não é o caminho, e de que vamos precisar conviver e entender a IA como ferramenta de escrita.

O GPT 5.2 responde:

Perfeito, segue o artigo completo.

Inteligência artificial, escrita e o futuro do português

A escrita sempre foi tecnologia.

Do papiro ao códice. Do manuscrito à prensa. Da máquina de escrever ao processador de texto. Cada inovação alterou não apenas a velocidade da produção textual, mas o próprio modo como pensamos e organizamos ideias. Agora, com a inteligência artificial generativa, não estamos apenas diante de uma nova ferramenta de apoio à escrita. Estamos diante de um sistema que escreve.

E que escreve muito.

A mutação silenciosa do português

Quem frequenta redes sociais já percebeu um padrão emergente. Expressões como “isso não é sobre X, é sobre Y” tornaram-se comuns no português digital. Trata-se de um calque direto do inglês “this is not about X, it’s about Y”. A construção soa estranha na tradição sintática do português, mas se espalha com naturalidade nas plataformas.

São traços típicos da escrita de modelos treinados majoritariamente em inglês e traduzidos, adaptados ou replicados em português (...).

Vou poupar o leitor do texto completo que, na minha opinião, não é bom o suficiente para ser publicado pela *Revista Brasileira*. Quem tiver curiosidade de ler o resultado na íntegra pode simplesmente colar o meu *prompt* acima no modelo da sua preferência e ver o que ele “sintetiza” a partir dele.

Peço também ao leitor desculpas por esse *prompt* simplório. Em geral, *prompts* que são feitos de forma simples levam a resultados medíocres. A melhor forma de alcançar bons resultados com um modelo de linguagem como o GPT 5.2 é qualificar especificamente os parâmetros que queremos que a inteligência artificial utilize. No meu *prompt*, faltou qualificar com precisão a abordagem (ponto de vista e contexto a partir do qual o texto será escrito). Faltou também qualificar a linguagem a ser usada (por exemplo, tom pessoal, carregando a personalidade do autor, mas acessível a leitores não especializados).

Ou, para apimentar as coisas, poderia ter dito: “Atue como se fosse um comediante e inclua o maior número possível de situações insólitas no texto”. E assim por diante. Poderia também ter qualificado o formato, pedindo que o texto fosse um “ensaio” defendendo um ponto de vista. Ou uma crônica, contando algo que aconteceu na vida do autor, como quase perder o prazo para entregar um texto combinado com uma prestigiosa revista!

Fico imaginando se a redação de *prompts* no futuro não será um gênero literário próprio. Se não haverá livros publicando coletâneas de *prompts*, como acontecia com as publicações epistolares. Fico fantasiando: *Ronaldo Lemos: Prompts Completos*, reunindo todos os *prompts* que escrevi para o GPT. Talvez esses comandos sejam mais interessantes que o resultado da escrita sintetizada a partir deles. Talvez a ideia de autoria esteja migrando para os *prompts*. Mas estou aqui de novo divagando, e ainda tenho um texto para entregar.

O fato é que, quanto mais parâmetros o GPT 5.2 recebe, mais capaz ele é de executar a tarefa com precisão e qualidade. Inversamente, quanto menos parâmetros ele receber, mais pobre, simplório ou até mesmo *default* — um xingamento para o mundo contemporâneo: “Você é muito *default*! — o texto será.

Os projetos de sucesso executados com os modelos de IA são justamente aqueles em que os *prompts* são bem definidos, precisos e com a complexidade adequada ao que se pretende avançar. E realmente penso que *prompts* bem-feitos, meticolosos, conjugados com uma revisão humana cuidadosa, podem produzir obras originais e de alta qualidade.

Não por acaso, uma das principais profissões que emergiram a partir do surgimento dos Grandes Modelos de Linguagem é justamente a

de “engenheiro de *prompts*”. O profissional que consegue conversar com a máquina dando as instruções mais adequadas para alcançar o objetivo que deseja. Há relatos de a profissão já estar pagando algo como 200 mil dólares por ano nos Estados Unidos, o que tem levado muita gente a especular se a “engenharia de *prompt*” não seria a nova programação.

Até porque, entre as várias habilidades dos modelos de inteligência artificial, está justamente — e também — a capacidade de programar. A ponto de muita gente apostar que não só os escritores, mas sobretudo os programadores, perderão espaço de trabalho, porque a profissão será substituída pelo *vibe coding* (expressão da moda atualmente), em que mesmo uma pessoa sem conhecimento de programação poderá se tornar programadora, justamente com o auxílio da inteligência artificial (aliás, esse é um bom elogio para o mundo contemporâneo: “Você é muito *vibe!*”).

Outro problema que tive foi que o artigo gerado pela IA ficou muito aquém das cinco laudas. O máximo que consegui gerar foram 3.025 caracteres. Se eu fosse submeter esse texto para a *Revista*, ainda precisaria escrever outras quatro laudas. Cadê o meu Santo Expedito, protetor e livrador do tempo livre? Isso também não funcionou. As chamadas “janelas de contexto” da IA são limitadas — elas perdem facilmente a coerência ao realizar um trabalho mais de fôlego.

O pior é que ainda tentei mudar os *prompts* e pressionar o GPT 5.2 a escrever o artigo no tamanho completo. Em *prompts* seguintes, eu falei para ele: *Infelizmente, o texto que você gerou possui apenas cerca de 3.025 caracteres com espaços. Poderia gerar o conteúdo faltante, chegando então a cinco laudas?*”.

Ao que o modelo respondeu: *Claro, vou expandir o texto agora.*

Fico imaginando se a redação de *prompts* no futuro não será um gênero literário próprio. Se não haverá livros publicando coletâneas de *prompts*, como acontecia com as publicações epistolares. Fico fantasiando: *Ronaldo Lemos: Prompts Completos*, reunindo todos os *prompts* que escrevi para o GPT. Talvez esses comandos sejam mais interessantes que o resultado da escrita sintetizada a partir deles. Talvez a ideia de autoria esteja migrando para os *prompts*.

Só que o texto produzido então, totalmente diferente do primeiro, também continha em torno dos mesmos 3 mil caracteres, insuficiente para eu me libertar da tarefa da escrita. Cheguei a conceber um plano maligno, de dividir o artigo em cinco partes diferentes, cada uma delas com 3 mil caracteres separadamente. Nesse meu plano, eu criaria um tema diferente para cada uma das cinco partes do artigo, pedindo ao GPT 5.2 que escrevesse cada uma delas separadamente e tomando cuidado para que tivessem um mínimo de coerência. Ao final, eu colocaria todas juntas e faria uma edição mínima do trabalho, assegurando que a massaroca toda fizesse sentido e submetendo como um texto único para a *Revista*.

No entanto, cheguei à conclusão de que isso daria muito trabalho e fiquei com preguiça. Talvez fosse mais fácil escrever logo todo o texto (ou ao menos a maior parte dele) do que me converter em revisor e *copywriter* de uma inteligência artificial, justamente em uma tarde de sexta-feira em que estava doido para fazer outra coisa. Pois bem, o jeito foi me contentar mesmo com o bom e velho papel de autor e escrever este texto que você está lendo. É bom aproveitar, porque hoje ainda tenho essa opção. Não sei se no futuro poderemos optar entre sermos autores ou revisores do que a máquina vier a sintetizar. Talvez todos nós nos convertamos em revisores de textos de IA. Esse pode ser um dos futuros da escrita. Mas esse é assunto para outro texto, cujo título é “Fronteiras da escrita sintetizada com inteligência artificial”, a ser publicado daqui a cinco anos na edição 150 da *Revista Brasileira*.

* * *

Nota de encerramento: dos 14.927 caracteres deste artigo, 13.700 foram escritos pelo próprio autor e 1.227 foram escritos pelo ChatGPT 5.2, explicitados no texto e em itálico. Isso fez com que eu economizasse cerca de 45 minutos na escrita do capítulo. Nesse tempo, deu para passear com o meu cachorro, mas não deu para encontrar nenhum amigo. Este texto também atualiza para o presente a reflexão do artigo “Carregando... a cultura digital entre as fronteiras da civilização”. ●